

## RUY FABIANO

Ponto de Vista

## Reação nacionalista

O nacionalismo está fora de moda, mas não morreu. Ao contrário, goza de boa saúde e prepara-se para voltar ruidosamente à cena. Esse o recado que os integrantes da rediviva Frente Parlamentar Nacionalista — um agrupamento suprapartidário com mais de uma centena de deputados e senadores — pretendem dar hoje, a propósito de cerimônia que festeja, na Câmara, o bicentenário de Tiradentes.

A Frente é presidida pelo deputado Miguel Arraes e tem a integrá-la notáveis como o senador Darci Ribeiro e o deputado Waldir Pires, do PDT. O governador Leonel Brizola, informa-se, é um adepto entusiasta da causa. Mas, por conveniências de ordem administrativa, prefere por enquanto não exibir publicamente esse entusiasmo.

Há, ainda, na Frente, parlamentares do PT, PMDB, PSDB, PCs e PSB. A reagluti nação e a ocasião escolhida para fazê-lo — a homenagem do Congresso a Tiradentes — não são aleatórias. O grupo quer marcar presença contra a política neoliberal do governo Collor e contra o que chama de internacionalização da economia. E quer entronizar Tiradentes como seu predecessor e patrono. Entre os alvos imediatos de sua ira, segundo informa um de seus principais articuladores, o deputado Valdo Barbosa (PDT-RJ), estão os projetos de regulamentação de marcas e patentes e da privatização dos portos, cuja aprovação imediata o Governo reclama. A Frente promete fazer tudo para não atendê-lo.

O grupo se opõe também às propostas do Emendão, que o presidente Collor considera indispensáveis para a modernização do País. Numericamente, ainda que se confirmem os nomes dos 120 deputados e senadores nela ralacionados, a Frente não terá meios

suficientes para fazê-lo. Precisaria de mais adeptos no Congresso. Essa inferioridade seria compensada com ampla articulação junto à sociedade civil organizada, a partir de seminários, conferências, jornais em mala direta e apoio logístico de entidades associativas e centrais sindicais.

A frente — ou pelo menos esse nome e os postulados que sustenta — surgiu ainda nos anos 50, a propósito da campanha que resultou na criação da Petrobrás e na instituição do monopólio do petróleo, que o Emendão propõe revogar. Ressurgiu algumas vezes, no âmbito do Congresso, mas jamais reproduziu o barulho dos tempos de sua criação. O advento do neoliberalismo, fortalecido a partir do colapso dos regimes socialistas em todo o mundo, inverteu subitamente os conceitos de moderno e anacrônico. Antes, “progressistas” eram os que defendiam teses de esquerda e “conservadores” os de direita. Hoje, os conservadores, ditos “neoliberais”, apresentam-se como “modernos” e rotulam a esquerda de “velha”. Dentro desse confuso jogo de palavras, o nacionalismo tornou-se, na visão dos liberais, produto superado. A globalização das economias teria sepultado conceitos como os que inspiraram a Frente. E a privatização seria a pedra de toque da modernidade.

A partir desses enunciados, o governo Collor quer não apenas antecipar a revisão constitucional, como aproveitá-la para suprimir da Carta os conceitos que considera conflitantes com a modernidade. A Frente pretende justamente o contrário. E promete se opor à antecipação da revisão e sustentar nos tribunais a constitucionalidade de mudanças na Carta por quorum inferior ao de três quintos. Enfim, há polêmica de sobra. Resta saber se há, de fato, munição.